

# A DIMENSÃO COLETIVA DOS SENTIDOS DE CULTURA: UMA ANÁLISE DA PALAVRA EM DICIONÁRIOS BRASILEIROS

Carolina Rodríguez-Alcalá (Unicamp)<sup>1</sup>  
Felipe Augusto Santana do Nascimento (IFAL)<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho, filiado a uma perspectiva discursiva do estudo da palavra, é desnaturalizar a evidência que associa *cultura* e *identidade coletiva*, evidência que será pensada em termos de *preconstruído*. A proposta é analisar a constituição histórica desse preconstruído no contexto da colonização europeia e da emergência dos Estados nacionais a partir do Renascimento. Traremos alguns elementos da história da palavra cultura para analisar sua definição em dicionários brasileiros de língua portuguesa, visando compreender como essa evidência é produzida e quais são seus efeitos políticos.

Palavras-chave: Cultura. Identidade coletiva. Preconstruído. Dicionários. Língua Portuguesa.

## THE COLLECTIVE DIMENSION OF THE MEANINGS OF CULTURE: AN ANALYSIS OF THE WORD IN BRAZILIAN DICTIONARIES

**Abstract:** The objective of this work, affiliated with a discursive perspective of the study of the word, is to denaturalize the proof that associates culture and collective identity, proof that will be thought in terms of pre-construction. The European proposal is analyzed in the historical context of the emergence of pre-construction of national states. We will bring elements from the history of culture, analyze its definition in Brazilian Portuguese-speaking dictionaries, some of them covering how its elements are production and politics.

**Keywords:** Culture. Collective identity. Prebuilt. Dictionaries. Portuguese language..

### 1. Introdução

Um sentido dominante de cultura, tomada como palavra do senso-comum ou como conceito científico, é aquele que a vincula à dimensão coletiva da existência dos indivíduos nas sociedades, à sua inscrição em “formas de vida” que caracterizam e distinguem uma determinada unidade social. De um lado, a cultura seria aquilo que define uma nação, e as questões da “identidade nacional” e da “identidade cultural” aparecem como pontos sensíveis nas discussões sobre a subjetividade, sobre a própria “identidade” dos indivíduos nas sociedades (cf. Rodríguez-Alcalá, 2004). De outro lado, cultura refere também coletividades supranacionais, quando se fala, por exemplo, de “cultura

1 Doutorado em Linguística (2000), na área de Análise do Discurso, pela Universidade Estadual de Campinas. É pesquisadora Pq B do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb/Nudecri), da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: carolina@unicamp.br>

2 Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: felipe.augustus@hotmail.com

latino-americana”, “cultura europeia” ou, ainda, “cultura ocidental”. Cultura remete, ainda, à unidade da “coletividade humana”, sentido geral em que o termo se opõe à natureza.

Mas se essa dimensão coletiva da identidade dos sujeitos associada à cultura funciona hoje como uma evidência amplamente aceita, já sua definição é considerada uma tarefa “complexa” e “difícil” e em relação à qual existem profundas divergências. A afirmação dessa “dificuldade” e dessa “complexidade”, como apontado em Nascimento (2019), é uma regularidade nos dizeres sobre a cultura (cf. Kroeber e Kluckhohn, 1952; Williams; 1985; Eagleton, 2005). A cultura é vista nas ciências sociais, em particular na Antropologia, como um conceito “equivoco”, que tem uma “complicada história moderna” (WILLIAMS, 1985), um “emprego delicado e problemático” e uma “pertinência questionável” (AUGÉ, 2001).

Nas últimas décadas, diversos trabalhos realizados na área da Análise do Discurso (doravante AD), perspectiva na qual se inscreve o presente trabalho, têm se debruçado sobre esse conceito (cf. Rodríguez, 2000; Rodríguez-Alcalá, 2004, 2018; Ferreira, 2011, 2015, 2019; De Nardi, 2007, 2011; Mariani, 2009; Esteves, 2011, 2017; Dorneles, 2015; Ramos e Ferreira, 2016; Nascimento, 2019, entre outros). Esses trabalhos procuram, de um lado, compreender os equívocos dos discursos que ao mobilizar o conceito de cultura naturalizam os processos históricos, políticos e econômicos que estão na base da produção das chamadas formas de vida social. A cultura se apresenta frequentemente como algo que “é”, como conjunto de características *ontológicas* de um grupo que, portanto, não podem ser alteradas (cf. Rodríguez, 2000; De Nardi, 2011). Ao lado dessas críticas àquilo que de uma perspectiva discursiva cultura *não é*, do que Esteves (2017) chamou de *efeito da cultura*, alguns desses trabalhos têm se esforçado em propor definições a partir da exploração do

dispositivo teórico-conceitual da AD, pondo em relevo a natureza política (ideológica) daquilo que se chama de cultura, concebendo-a como conjunto de práticas que se inscrevem em condições históricas de produção. Para abordar essa questão comum, discute-se, por exemplo, o que seria a *ordem da cultura* e propõe-se pensá-la em termos de *rituais* ou de *formações culturais* (cf. Ferreira, 2011, 2019; Esteves, 2011; Dorneles, 2015; Ramos e Ferreira, 2016), dentre outras contribuições que não serão aqui detalhadas.

Diante desse breve panorama, o objetivo do presente trabalho não é definir o que (não) é cultura, mas desnaturalizar essa evidência atual que a vincula à identidade coletiva. Propomos pensar nesse vínculo como um *preconstruído*, no sentido de Paul Henry ([1977] 1992; [1975] 1990), para refletir sobre as condições históricas em que se constitui e sobre seus efeitos políticos. Situiremos a emergência da palavra no processo de formação dos Estados nacionais modernos, contemporâneo da colonização europeia a partir do Renascimento, para sustentar que os sentidos que se constituíram hierarquizam os grupos humanos tendo como modelo as formas de vida ocidentais. Traremos, para tanto, alguns elementos da história da palavra cultura para em seguida realizar uma leitura de dicionários de língua portuguesa, a fim de compreender como as evidências produzidas por essa palavra são neles construídas.

## 2. O preconstruído e o efeito de realidade

A noção de preconstruído proposta por P. Henry se define como o efeito subjetivo de anterioridade, de implicitamente admitido, produzido por alguns elementos do dizer que se apresentam como construções exteriores ao discurso (cf. Henry, [1975] 1990, p. 46). Dito de outro modo, o preconstruído é o efeito de referência extralinguística em um discurso dado, produzido pela ocultação e o esquecimento de

sua natureza enquanto elemento discursivo (cf. Fradin e Marandin, 1979, p. 82).

Ao ser definida como *efeito* – de *referência*, de *existência*, de *realidade* – a noção de preconstruído se opõe à de *pressuposição*, como indica o próprio P. Henry (ibidem), e também a outras noções pragmáticas, como “*background*” comum ou *conhecimento prévio* entre os interlocutores, formuladas para dar conta de elementos externos que interviriam no funcionamento da linguagem mas que não seriam passíveis de análise linguística propriamente dita. O preconstruído funciona, precisamente, pelo *desconhecimento* de que aquilo que se apresenta como *prévio*, como *anterior* ao discurso, como sempre-já-aí da *realidade exterior*, foi construído discursivamente, sendo, portanto, analisável em e pela língua. Henry analisa, especificamente, alguns mecanismos sintáticos sobre os quais esse efeito se produz, relacionados a fenômenos como a nominalização ou as construções relativas.

Pêcheux ressalta a importância dessa noção para a análise do discurso, quando afirma que é fundamental distinguir, em aquilo que é dito, entre o *preconstruído* e o que é *construído* em um determinado discurso, uma vez que têm funcionamentos materiais diferentes (cf. Pêcheux, [1973] 2011, p. 218). O autor ilustra essas diferenças através de um exemplo retomado de P. Henry, quando este autor analisa a seguinte frase, proferida pelo presidente estadunidense Lyndon B. Johnson, nos anos 1960, em um discurso ao Congresso sobre uma proposta de aumento de impostos: *Não é a guerra do Vietnam, mas o aumento regular dos encargos da administração que leva à necessidade de aumentar os impostos*. Nessa estrutura “Não é X, mas Y que leva a Z”, comenta o autor, é o elemento Z que funciona sob o efeito de preconstruído, ao apresentar-se como uma *realidade existente*, *anterior* e *exterior* ao discurso, que não é posta em discussão no enunciado – só se discute quais seriam as *causas* desse *fato*, desse *estado de coisas*

(X ou Y). Questionar o preconstruído seria, diz Pêcheux, trazer para a discussão o elemento Z, isto é, perguntar-se sobre a necessidade – ou não de aumentar os impostos, para somente então, eventualmente, discutir quais seriam as causas.

Sem aprofundarmos nas elaborações teóricas ou analíticas em torno dessa noção, gostaríamos de reter para a presente reflexão esse efeito de referência que o funcionamento do preconstruído produz. Nas definições de *cultura*, é seu encadeamento com a *identidade*, em particular com a *identidade coletiva*, aquilo que se apresenta como preconstruído, como realidade *independente*, *anterior* e *exterior* aos discursos. É essa evidência que está na base de expressões como “identidade cultural” ou que permite a substituição de “cultura brasileira” por “identidade brasileira”, por exemplo. Isto é, nos discursos atuais procura-se frequentemente definir o que sejam *cultura* ou *identidade*, mas o *vínculo* entre esses termos funciona como um preconstruído que não é posto em discussão.

A proposta deste texto é justamente interrogar esse preconstruído, trazendo elementos para mostrar que o par *cultura-identidade* – em que a *língua* tem um lugar de destaque – é uma construção discursiva relativamente recente, que não preexiste à própria invenção da palavra cultura em seus sentidos modernos, e cujo funcionamento deve ser compreendido em relação a dois fatos históricos fundamentais, a saber, a emergência dos Estados e a colonização europeia.

### 3. Cultura e Estado nacional: a identificação do sujeito jurídico

O que entendemos hoje por *cultura* deve muito aos sentidos cristalizados entre os séculos XVIII e XIX, momento chave do processo pelo qual essa noção foi adquirindo destaque crescente na visão dos fenômenos sociais, que

passaram a ser concebidos como fenômenos *culturais* (cf. Rodríguez-Alcalá, 2004).

Esse fato se inscreve, conforme sustentado em Rodríguez (2000) e Rodríguez-Alcalá (2004), no contexto das transformações operadas na passagem do sujeito religioso medieval para o sujeito jurídico, ou sujeito de direito, modo histórico de existência dos indivíduos nas sociedades capitalistas ocidentais (PÊCHEUX, [1975] 2014; HAROCHE, [1984] 1992). A cultura tornou-se nesse processo uma peça chave para a legitimação do poder do Estado sobre os sujeitos e sobre seu território, que veio em certo sentido a substituir o papel que a religião desempenhara num período anterior.

Na Idade Média o Estado construía sua legitimidade pelo apelo a Deus, que o Soberano representava na terra. Os sujeitos deviam submeter-se a seus desígnios porque estes exprimiam a vontade divina. Com o progressivo declínio do pensamento religioso medieval e a separação operada entre religião e política colocase um problema fundamental para a legitimação do poder e a governabilidade dos sujeitos, uma vez que Deus não mais a garante. O “amor a Deus” e o “temor a ele”, que deviam traduzir-se na subordinação ao Soberano, passam então a ser substituídos pelo “amor à pátria”, pela “lealdade à nação”, que deve traduzir-se na subordinação ao Estado, através das leis.

Mas se essa é uma injunção característica dos Estados nacionais modernos, o que permite *particularizar* esse processo e promover a identificação dos sujeitos a *um* Estado, e não a outro? É aí que a cultura intervém: é através da *cultura da nação*, enquanto fenômeno de caráter particular e diferenciado, que os sujeitos são interpelados a identificar-se a um Estado, através de *suas* leis, que devem apresentar-se como *adequadas* a essa cultura. É nessa confluência da identificação dos *sujeitos* e das *leis* instituídas em torno da ideia de *nação*, através da *cultura*, que o Estado constrói sua legitimidade (cf. Rodríguez,

2000; Rodríguez-Alcalá, 2004).

É nesse contexto político que o sentido coletivo de cultura emerge e se consolida, tornando-se *signo de pertencimento a (uma) nação*, ao mesmo tempo em que aparece a primeira definição científica do conceito. Esta foi formulada pelo antropólogo britânico Edward Tylor, criador da antropologia como disciplina universitária e seu primeiro titular, em 1883, na Universidade de Oxford (cf. Cuche, 2002, p. 34-37). Em seu livro *Cultura Primitiva* (*Primitive Culture*), publicado em 1871, Tylor apresenta a seguinte definição:

*Cultura ou civilização*, tomadas em seu sentido etnológico amplo, é esse todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade. (TYLOR, [1871] 1920, p. 1, tradução nossa, grifos do autor)<sup>3</sup>

É importante observar que nem a palavra, nem o conceito de cultura haviam existido nesse sentido definido por Tylor e que o conjunto de crenças, hábitos e costumes que passaria a ser designado por *cultura* tinha em um período anterior um sentido religioso, enquanto *signo de pertencimento a (uma) fé* (cf. Rodríguez-Alcalá, 2004). É o que se observa nos discursos no início da colonização europeia na América, nos quais a língua, as crenças e os costumes indígenas deviam ser substituídos por seu vínculo com as “crenças pagãs” (*ibidem*). Essa visão não recaía somente sobre certos hábitos indígenas conflitantes com a moral cristã, como a nudez por exemplo, mas também sobre outros que foram condenados no início por serem “diabólicos”, como o consumo do tabaco ou da erva-mate. Observamos essa mesma visão em relação aos árabes na península ibérica na mesma

3 No original em inglês: “Culture or Civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and other capabilities and habits acquired by man as a member of society.”

época, no processo de integração ao nascente Estado espanhol após a reunificação castelhana: seus vestidos e turbantes, o modo de construção de suas moradias, suas cerimônias de casamento, seus hábitos alimentares, caracterizados pela interdição da carne de porco, eram considerados *signos de pertencimento ao islamismo (ibidem)*. É o que lemos no relato do padre jesuíta Ignacio de las Casas, em 1605, sobre as dificuldades para a conversão dos árabes, em que os hábitos ou costumes (aquilo que irá se chamar de “cultura”) aparecem vinculados à fé:

[...] a los tan nuevos *en la fe y costumbres nuestras*, quisieron apremiar luego a comer tocino y, haziéndoseles de mal y asqueroso como carne no usada, se lo refregaban por los hocicos y les hazían otras befas pesadas diziéndoles palabras injuriosas y llamándolos de perros moros. (BORJA DE MEDINA, 1988 apud RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2004, *grifo nosso*).

Entender as condições históricas nas quais a palavra cultura emerge e adquire um *sentido coletivo*, em particular *nacional*, ao longo do processo da colonização europeia é fundamental para determinar o funcionamento moderno da palavra e os sentidos que projeta sobre as nações e os grupos sociais, de modo geral<sup>4</sup>.

#### 4. Cultura e colonização: o impacto da alteridade

Os sentidos modernos de cultura, como proposto em Rodríguez-Alcalá (2018), resultam do impacto da alteridade experimentado pelos europeus na exploração do planeta a partir do Renascimento, que os levou a confrontarem-se com sujeitos, objetos, espaços e práticas sociais radicalmente alheias a tudo aquilo que conheciam, algumas das quais afetariam de maneira particular a sensibilidade ocidental

(a antropofagia, por exemplo). Como afirma Auroux (1992, p. 54), se os engenheiros do Renascimento fizeram os europeus passar de humanistas a cientistas, os relatos do Novo Mundo feitos por missionários e exploradores fizeram-nos passar de humanistas a antropólogos.

A emergência da palavra moderna pode assim ser vista como sintoma desse questionamento sobre a natureza humana – objeto da Antropologia –, que captura o flagrante do olhar europeu que se desdobrou sobre os fundamentos de suas formas ocidentais de vida para observar – e dominar – o Outro (cf. Rodríguez-Alcalá, 2018). Esse olhar ocidental ficará encarnado nos sentidos de cultura, como buscaremos mostrar a seguir através da apresentação de alguns elementos da história da palavra.

##### 4.1. Cultura como metáfora: dos “frutos da terra” aos “frutos do espírito humano”

Os gregos não tinham uma palavra para aquilo que passaria a se chamar de cultura. A palavra surgiu a partir do latim, mas para os romanos tinha sentidos que não coincidem com os sentidos modernos. Formada a partir verbo *colere*, a palavra latina, além de um sentido religioso ligado ao culto aos deuses, remetia ao cultivo da terra, dando lugar a *incola* (“habitante”) e também a *colonus* (“aquele que habita ou cultiva”) (ERNAUT e MEILLET, [1932] 2001; REY, 2000). O sentido moral que tomaria na Idade Moderna era muito pouco frequente (ERNAUT E MEILLET, [1932] 2001) e estava ligado especificamente à filosofia. Esse sentido pode ser encontrado em um texto de Marco Túlio Cícero (106 - 43 a. C.), *Disputationes Tuscolanae*, onde cultura aparece pela primeira vez como termo teórico: para o autor, “o espírito”, assim como “a terra”, precisa de “cultivo” para “frutificar”, sendo a filosofia precisamente isso, o “cultivo do espírito” (*cultura*

<sup>4</sup> Reproduzimos no item a seguir algumas passagens da exposição sobre a história da palavra cultura feita em Rodríguez-Alcalá (2018).

*autem animi philosophia* est); a referência era a filosofia grega, através da qual os romanos deviam “cultivar seu espírito” (cf. Zaid, 2006).

Os sentidos modernos de cultura surgiram em francês na passagem entre os séculos XVII e XVIII, para depois migrar para o inglês e para as demais línguas (cf. Williams, 1985, p. 87; Nascimento, 2019). É nesse período que a palavra, até então referida principalmente aos cuidados com a colheita, passou a ser associada ao “desenvolvimento humano” e à “formação do espírito” (cf. Williams, 1985, p. 118; Tonnelat, 1930, p. 64; Nascimento, 2019).

Esses sentidos atualizam o sentido de cultura *animi* de Cícero, o primeiro a valer-se da metáfora da terra para significar os “frutos do espírito” humano, mas ao fazê-lo o estendem, pois cultura não se limitará mais à filosofia, nem ao âmbito do indivíduo e de sua personalidade, adquirindo a dimensão coletiva do sentido dominante que virá a estabilizar-se.

Observemos que essa metáfora está na base das duas principais vertentes modernas de definição de cultura, tanto da definição “estética”, mais restritiva, que identifica a cultura somente a determinados “frutos” do “cultivo do espírito”, àqueles ligados ao cânone artístico e literário (a chamada “alta cultura”), como da definição antropológica mais ampla, que estende a cultura à “totalidade” das formas particulares de vida e de pensamento que os grupos humanos “cultivam” coletivamente, cuja “singularidade” passará a definir as fronteiras entre eles, sua “coesão interna” e seu “contraste” com os demais, isto é, sua “identidade”. É esse o sentido dominante de cultura que acompanhou a formação dos Estados nacionais modernos e que tem em Johann Gottfried von Herder (1744-1803) uma de suas fontes principais: já não se trata mais nesse novo contexto político de definir a “alma” do indivíduo (sua “essência divina”), mas a “alma” coletiva (a “essência nacional”), o *Volksgeist*, ou “espírito natural”

de um povo (cf. Rodríguez, 2000; Rodríguez-Alcalá, 2004).

É precisamente essa metáfora agrícola aquilo que nos indica o lugar de onde os europeus observaram a natureza humana, pensada tanto em sua dimensão individual como coletiva: ela remete diretamente a formas de vida caracterizadas pelo cultivo da terra, prática que conduziu à sedentarização das sociedades e à constituição das cidades ao longo da história ocidental, num processo que foi indissociável da elaboração da escrita e das demais tecnologias e instituições urbanas. Ao generalizar-se como termo teórico para designar toda e qualquer forma de vida, cultura tingirá o olhar de categorias da escrita e urbanas ocidentais, isto é, categorias ligadas a formas particulares de relação com a língua o com espaço que não são, ou não foram, comuns a todas as sociedades (cf. Rodríguez-Alcalá, 2011).

O termo “colonização” também aponta nessa direção. Formado a partir da mesma palavra latina *colere*, em que confluem os sentidos de “cultivar” e de “habitar”, esse nome dado ao processo político de expansão europeia sobre as sociedades e os espaços do planeta atualizará, universalizando, uma memória que estabelece um vínculo indissociável entre “habitar o mundo” e “cultivar a terra”, impresso na própria materialidade da palavra e de suas “derivações” (*colere, incola, colonus*). A imposição “colonial” equivale, nesse sentido, à imposição de modos de existência, de formas de estar no mundo, de se relacionar com o espaço caracterizadas pelo cultivo e pela permanência, dos sujeitos e de suas línguas, e elaboradas segundo o modelo ocidental (*ibidem*).

Esses sentidos modernos de cultura convergirão com os sentidos de “civilização”, por oposição a “selvagem”, constituídos nessa mesma época. “Selvagem” em francês, assim como “cultura”, tem inicialmente como referência o espaço natural. O termo designava aquilo “que

está em estado de natureza”, “terreno inculto”, “não cultivado”, “não preparado para o cultivo”, “onde a presença humana não se manifesta” (cf. Rey, 2000, p. 2027-8). Esses sentidos também acabarão migrando do espaço para os sujeitos e as sociedades: “selvagem” será o adjetivo que qualificará “aqueles que julgamos rudes, grosseiros”, que “não participam do refinamento dos costumes ligados às boas maneiras”, que são “estrangeiros a toda civilização” (*ibidem*). Esse valor moral, que está presente no sentido “antropológico” da palavra civilização, vai se precisar e desenvolver, de acordo com A. Rey (*ibidem*), no Renascimento, a partir dos contatos da Europa com as populações africanas e americanas, momento em que passará a funcionar como substantivo e a ser o nome por excelência dado aos ameríndios (dos *cruéis antropófagos ao bom selvagem de Rousseau*).

É nessa rede de sentidos que a palavra cultura irá se inserir nos dicionários brasileiros de língua portuguesa quando aparece associada a uma dimensão coletiva, como veremos a seguir na leitura de alguns desses dicionários.

#### 4. A palavra cultura em dicionários de língua portuguesa

Uma rápida olhada nos dicionários brasileiros de língua portuguesa atuais nos leva a duas constatações: a primeira é a grande extensão do verbete cultura, que apresenta muitas definições (no *Novo Aurélio do Século XXI*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, popularmente conhecido como “Aurélio”, constam 15); a segunda é a relação que se estabelece entre cultura e coletividade, entendida seja em um sentido universal, como “identidade do gênero humano”, por oposição à natureza, seja no sentido particular de “identidade de um grupo”. Observemos o recorte abaixo:

**Cultura** [...] 5. Conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam, aprimoram através da comunicação e cooperação entre os indivíduos em sociedade. [Nas ciências humanas, opõe-se por vezes à ideia de natureza, ou de constituição biológica, e está associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva e que é a base das interações sociais.] 6. A parte ou o aspecto da vida coletiva, relacionados à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística, etc. 7. O processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, etc.; civilização, progresso. 8. Atividade e desenvolvimento intelectuais de um indivíduo; saber, ilustração, instrução. 9. Refinamento de hábitos, modos ou gostos. [...] 10. Apuro, esmero, elegância. 11. Antrop. O conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc. [Como conceito das ciências humanas, esp. da antropologia, cultura pode ser tomada abstratamente, como manifestação de um atributo geral da humanidade (cf. acepç. 5), ou, mais concretamente, como patrimônio próprio e distintivo de um grupo ou sociedade específica (cf. acepç. 6).] [...]. (FERREIRA, 1999, grifos nossos)

Essa dimensão coletiva à qual apontam os sentidos modernos de cultura é apresentada, como vemos, lado a lado de outros sentidos anteriores do termo, tais como “cultura da terra”, “cultura individual do espírito”, “cultura do corpo,” entre outros. Isto é, a associação de cultura às “formas de vida coletiva”, de “um grupo”, de “um povo” e de “uma nação” é apresentada como sempre-já-aí, determinando os sujeitos que fazem parte (ou não) de uma “mesma” cultura.

Mas essa associação entre cultura e coletividade não aparece em dicionários mais antigos, como o *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau, publicado entre 1712-1728, considerado fundador da lexicografia lusitana e brasileira, e o Dicionário da Língua Portuguesa, de Antonio Moraes Silva, de 1789, o primeiro dicionário monolíngue de português (cf. Nunes, 2006).

Vejamos como esses dicionários definem cultura:

**CULTURA.** O modo, a arte, a acção de cultivar a terra. Cultura &. Ou Cultio, onis. Fem. Cultus, ùs. Majc. Cic. Nada chega a fruto, se não o que do principio até o fim, até cultura igual Nihil infructum trovenit, quod non a primo usque ad extremum & qualis cultura profequitur; Senec. De Beneficijs, lib. 2. cap. II., Que diligencias da Cultura seraõ baflantes a tirar frutos de hum campo esteril. Vida da Princ. Theod. Pag. 165., Impedir a Cultura aos Lavradores. Jacinto Freyre, mihi pag. 50. Estimando a Cultura mais das flores, que a gloria de mandar a mil senhores. Inful. de Man. Thom. livro 6. Oit. 150. Cultura. Metaphoricamente. Cultura do engenho. Cultus animi. Animo exercitatio onis. Fem Cic. A cultura das artes. Artes, qu& exertatione coluntur. Aproveytado cô a Cultura das sciencia. Tom. 5 da Mon. Lufit. pag. 133. verf. Cultura. Estilo culto. V. Culto. Estrepito de vozes novas, a que chamão Cultura. Jacinto Freyre, mihi pag 3. (BLUTEAU, 1712-1728, grifos nossos)<sup>5</sup>

**CULTURA**, s.f. o modo, e a arte, o trabalho de cultivar a terra,, impedir a cultura aos lavradores, Freire § e no f., a cultura do ingenho, do entendimento, infruindo-nos. § A cultura das boas artes, i. e. o trabalho por faze-las. § Cultura do estilo, ornato v. culto. FREIRE, estrepito de vozes novas a que chamão cultura. (MORAES SILVA, 1789).

É possível observar a relação parafrástica entre ambos os dicionários. Moraes retoma a definição de Bluteau, de modo mais compacto, mas mantendo as três acepções latinas clássicas que este apresenta em seu *Vocabulario*, a saber: 1) a cultura enquanto “cultivo da terra”; 2) a cultura enquanto “metáfora do espírito”, referida ao intelecto: “cultura do engenho”, “das artes”, “das ciências”; 3) a cultura como culto religioso, isto é, de certa forma, como “cultivo da alma”, o que não deixa de remeter à “metáfora do espírito”, formulada em termos religiosos.

Esses sentidos aparecem estabilizados nas edições seguintes do dicionário de Moraes, ao longo do século XIX. Entre a segunda e a oitava edições, no período de 1813 a 1890, encontramos algumas modificações na formulação das definições e o acréscimo de exemplos, mas as referidas acepções clássicas de cultura se mantêm – cultura remete sempre ao *cultivo da terra, ao cultivo do intelecto e ao cultivo da alma*:

**CULTÚRA**, s. f. O modo, e arte, o trabalho de cultivar a terra. impedir a cultura aos lavradores. Freire. §. e no fig. a cultura do engenho, do entendimento; instruindo-nos. § A cultura das boas artes i. é, o trabalho por sabe-las. § Cultura do estilo; ornato. V. Culto. Freire. “estrepito de vozes novas, a que chamão cultura.” § Cultura dos ídolos; culto. Flos Sanct. Z. f. (MORAES SILVA, 2ª ed, 1813)

**CULTURA**, s. f. O modo, e a arte, o trabalho de cultivar a terra: <<impedir a cultura aos lavradores>> Freire. & e no fig. a cultura do ingenho, do entendimento; instruindo-nos. & A cultura das boas artes; i. é, o trabalho por sabê-las. & Cultura do estilo; ornato. V. Culto. Freir. <<estrepito de vozes novas, a que chamão cultura>> & Cultura dos idolos; culto. Flos Sanct. 2 vol. 33. & a das almas, com missões, sacramentos. Vieira. (MORAES SILVA, 4ª ed, 1831)

5 Optamos por manter a grafia original.

**CULTURA**, s. f. (do lat.) O modo, a arte, o trabalho de cultivar a terra, de tractar as árvores, etc. Lus. 9. 58. <<os dões, que dá Pomona, alli natura produz diferentes nos sabores sem ter necessidade de cultura>><<impedir a cultura aos lavradores>> Freire, L. 1. n. \*59. & O terreno cultivado. & Os vegetaes que se cultivam: tem várias culturas nas suas terras. & no fig. A cultura do engenho, do entendimento: a instrução, o saber adquirido pelo estudo. & A cultura das boas artes: o trabalho pra sabelas, pratical-as. & Cultura do estylo: o esmero, a elegância, o apuro da linguagem, o seu ornato. V. Culto. Freir. p. 3 <<estrepito de vozes novas a que chamão cultura>> & Cultura dos ídolos; culto. Flos Sanct. 2. s. 33v. & A – das almas; com missões, sacramentos. Vieira. (MORAES SILVA, 8ª ed., 1890)

O mesmo pode ser observado em outros dois dicionários contemporâneos dessas edições de Moraes, a saber, o *Dicionário da Língua Brasileira*, de Luís Maria da Silva Pinto, de 1832, e o *Grande dicionário do portuguez*, de 1871-1874, do Frei Domingos Vieira:

**Cultura**, s. f, Arte, maneira de cultivar as terras, Fig. se diz do engenho das sciencias, etc, Fallando do estilo, O nato. (SILVA PINTO, 1832)

**Cultura** s. f. (Do latim cultura, de cultum, supino de colere). Trabalho da terra, conjunto das operações próprias para obter do sólo os vegetaes de que o homem e os animaes domesticos têm precisão.

Os dons dá Pomona, ali natura  
Produze diferentes nos sabores,  
Sem ter necessidade de cultura;  
Que sem ella se dão muito melhores:  
As cerejas purpúreas na pintura;  
As amoras, que o nome tem de amores;  
O pomo, que da pátria Persia veio,  
Melhor tornado no terreno alheio.

CAM., LUS. C. IX, est. 58

- Terreno cultivado. A extensão das culturas.

- Acção de cultivar um vegetal, um producto da terra. Cultura do trigo,

- A cultura das almas, com missões, sacramentos, etc. (VIEIRA, 1871-1874)

Será somente na décima edição de Moraes, já em meados do século XX (1945-1954), que as acepções de cultura se expandem e que a dimensão coletiva aparece pela primeira vez. No que diz respeito às acepções relativas “à terra”, ao *espaço natural*, acrescenta-se a referência à cultura de “certos animais, em particular os microscópicos”; quanto aos *indivíduos*, ao lado da “metáfora do espírito”, aparece pela primeira vez o sentido de “cultura física”, de “desenvolvimento do corpo”, da “musculatura”, aquilo que virá mais tarde a ser chamado de “fisculturismo”. Mas a modificação mais representativa diz respeito à extensão da “metáfora do espírito” para a *coletividade*, gesto em que “cultura” é identificada com “civilização”:

**Cultura**, s. f. (do lat. cultura). Acção, acto, efeito ou maneira de cultivar a terra ou certas plantas; trabalho que se faz na terra para que produza vegetais; amanho; granjeiro: « Os dons que dá Pomona, ali natura | Produze diferentes nos saberes, | Sem ter necessidade cultura; | Que sem ela se dão muito melhores: | As cerejas purpúreas na pintura; | As amoras, que da pátria Pérsia veio, | Melhor tornado no terreno alheio », Camões, Lusíadas, IX, 58; «... corriam fontes de puro mel, no tempo antigo, | E as plantas sem cultura produziam », Diogo Bernardes, Lima, carta XXIV; «... bastavam a nós ter em contínua vigia e impedir a cultura aos lavradores». Jacinto Freire de Andrade, Vida de D. João de Castro, 41. || Cuidado que se dão a certos vegetais: «a cultura das flores». || Terreno cultivado: «Corri a ver as culturas do chá e do ananás que desconhecia», Raul Brandão, As ilhas Desconhecidas, 206. || Utilização industrial de certas produções naturais. || Produção de certos géneros que

não são dados diretamente pela terra. || Criação de certos animais, em particular os microscópicos. || Estudo, aplicação do espírito a uma coisa. || Desenvolvimento que se dá por cuidados assíduos às faculdades naturais; desenvolvimento, exercício dos órgãos, da musculatura, da agilidade: «praticar a cultura física». || Exercício, aperfeiçoamento das faculdades intelectuais: «a cultura da memória». || Estado de quem tem desenvolvimento intelectual. || Conjunto dos conhecimentos de alguém; instrução: «o pai é homem de bastante cultura»; «... para livro de devoção compreendia sobre cultura», D. Francisco Manuel de Melo, Apólogos Dialogais, IV, 403; «... falava-lhe uma classe média numerosa, rica, inteligente, émula do clero pela sua cultura», Herculano, O Bobo, cap. I, 7. || Civilização; adiantamento: «povo de bastante cultura que cedo se impôs aos outros». || Apuro, estilo, esmero, elegância. || Desus. Preciosidade de estilo; o mesmo que cultismo, culteranismo: «... queriam que me valesse do estrépito de vozes novas, a que chama cultura», Jacinto Freire de Andrade, Vida de D. João de Castro, Prólogo. (MORAES SILVA, 10ª ed., 1945-1954, grifos nossos).

Nessa identificação de “cultura” com “civilização”, em que “civilização” aparece como “atributo” de “certos povos” e equivale a “muita cultura”, justifica-se a imposição colonial sobre os povos “sem”, com “pouca” ou com “menos” cultura, cujos hábitos não têm “apuro, estilo, esmero, elegância”. Apagam-se, nessa rede de sentidos mobilizada pela palavra cultura, os fatores políticos e econômicos que produziram a imposição colonial dos “povos adiantados” sobre “os outros”, a exploração que esse fato representou para os “povos atrasados” do planeta.

Observamos, assim, nesses dicionários brasileiros, um percurso de sentidos similar ao observado na história mais geral da palavra cultura. Cabe observar que esse percurso se faz a partir de uma *deriva metafórica* de sentidos referidos originariamente ao espaço, a uma

forma particular de produção do *espaço* (o *cultivo da terra*), para os *indivíduos* (o *cultivo do espírito e do corpo*) e, em seguida, para as *coletividades* (o *cultivo – ou falta de cultivo – de suas formas de vida – de seus espaços, de suas boas maneiras*). Esta última deriva, como indicamos, é muito posterior e produz uma confluência dos sentidos de *cultura* e de *civilização*. Visualizemos esses movimentos de sentidos no quadro a seguir:

| ESPAÇO →                                                          | SUJEITO →                                                                                                                       | SOCIEDADE                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>CULTURA da terra</i> ⇨<br>- plantas<br>- animais microscópicos | <i>CULTURA do indivíduo</i> ⇨<br>- intelecto (engenho, artes, ciências)<br>- alma (culto religioso)<br>- corpo (fisiculturismo) | <i>CULTURA da coletividade</i><br>- geral: humanidade<br>- particular: grupo social<br>⇩<br>CIVILIZAÇÃO |

## 5. Considerações finais

O percurso feito neste texto, como havíamos proposto no início, foi trazer alguns elementos para desestabilizar a evidência pela qual o par *cultura e identidade* funcionam como um *preconstruído* na definição do que seja um grupo social e o *pertencimento* dos indivíduos a ele. Situar as condições históricas e políticas em que essa ligação foi construída discursivamente, a través de elementos da história da palavra cultura, pode em nossa opinião contribuir para entender esse caráter “problemático” que se lhe atribui e trazer elementos a serem considerados para uma definição discursiva do conceito.

A relação metafórica estabelecida entre cultura como termo teórico, relativo à identidade subjetiva (coletiva), e cultura da terra pode ao mesmo tempo contribuir para compreender a relação constitutiva entre *sujeitos* e *espaços*, através dos *sentidos*, na produção histórica e política da vida humana, conforme trabalhamos na área saber urbano e linguagem (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2011b).

## 6. Referências bibliográficas

- AUROUX, S. A revolução tecnológica da gramatização. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- BÉNÉTON, P. Histoire des mots: culture et civilisation. Paris: Presse de Sciences Politiques, 1975.
- COLLINOT, A.; MAZIÈRE, F. Un prêt-à-parler: le dictionnaire. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- DE NARDI, F. S. Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a cultura no campo da AD: um lugar para o conceito de cultura no campo da ideologia, do inconsciente e da(s) políticas. In: Anais do V Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre, 2011, p. 1-8.
- DORNELES, E. A ordem da cultura. In: FERREIRA, M. C. L. (org.). Oficina de Análise do Discurso: conceitos em movimento. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 179-194.
- EAGLETON, T. A ideia de cultura. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
- ESTEVES, Ph. M. S. Discurso Sobre Alimentação nas Enciclopédias do Brasil: Império e Primeira República. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.
- \_\_\_\_\_. Rumo a uma noção de formação cultural na AD. In: Anais do VSEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso. O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Disponível em [https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/sead5\\_simposios.html](https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/sead5_simposios.html). Acesso em 10/03/2022.
- FERREIRA, M. C. L. O mal-estar do sujeito contemporâneo: político, cultura e arte. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. (org.). Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital. Campinas: Pontes, 2019, p. 19-36.
- \_\_\_\_\_. Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento. Campinas: Pontes, 2015.
- \_\_\_\_\_. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). Memória e História na/da análise do discurso. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 55-64.
- FRADIN, B.; MARANDIN, J.-M. Autour de la définition: de la lexicographie à la sémantique. Langue française, 43, 1979, p. 82.
- HAROCHE, C. Querer Dizer, Fazer Dizer. São Paulo: Hucitec, 1992 (1ª edição em francês: 1984).
- HENRY, P. A ferramenta imperfeita: língua, sujeito, discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. (1ª edição em francês: 1977).
- \_\_\_\_\_. Construções relativas e articulações discursivas. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 19, p. 43-64, jul./dez. 1990 (Publicação original: 1975).
- KROEBER, Alfred Louis; KLUCKHOHN, Clyde. Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions. Cambridge: Mass, 1952.
- LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MARANDIN, J.-M. Syntaxe, discours du point de vue de l'analyse du discours. Histoire Épistémologie Langage, vol. XV, n. 2, 1993.
- MARIANI, B. Sujeito e discurso contemporâneos. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C.

L.; MITTMANN, S. (Orgs.). O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009.

NASCIMENTO, F. A. S. Definir/conceituar: história e sentidos da palavra cultura em dicionários de línguas e de terminologias. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da linguagem. Campinas, SP: [s. n.], 2019.

NUNES, J. H. Dicionário no Brasil: Análise e História do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes/Fapesp/Faperp, 2006.

ORLANDI, E. Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho do simbólico. 6 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2012.

—. Discurso Fundador. A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional. Campinas, Pontes, 1993.

—. Terra à Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo. São Paulo/Campinas, Cortez/ Editora da Unicamp, 2008 (1ª edição: 1990).

PAVEAU, M.-A. Le préconstruit. Généalogie et déploiements d'une notion plastique. In: BRECHET, F., GIAI-DUGANERA, S., Luis, R., MEZZADRI, A., TOMAS, S. (orgs.). Le Préconstruit. Approche pluridisciplinaire. Paris: Classiques Garnier, 2017, p. 19-36.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de E. P. Orlandi et. al. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

—. A aplicação dos conceitos da linguística para a melhoria das técnicas da análise de conteúdo. In: Análise de Discurso. Michel Pêcheux. Textos Seleccionados por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011. (Publicação original em *Ethnics*, 3, 1973, Paris, p. 101-118)

RAMOS, T. V.; FERREIRA, M. C. L. Para

além de rituais e costumes: o que podemos dizer sobre a noção de cultura em análise do discurso? *Estudos da Língua(gem)*, v. 14, p. 139-154, 2016.

RODRÍGUEZ, C. Língua, nação e nacionalismo: um estudo sobre o guarani no Paraguai. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Notas sobre a noção de cultura e sua relação com a de civilização: o Ocidente como observatório das formas de vida social. In: *Fragmentum*. Número especial, jul/dez, 2018, p. 61-90.

—. Da religião à cultura na constituição dos Estados Nacionais. Apresentação no Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística – ANPOLL, 2004 (texto inédito). Disponível em <https://www.academia.edu/CarolinaRodríguez>.

—. Escrita e gramática como tecnologias urbanas: a cidade na história das línguas e das ideias linguísticas. In: *Cadernos de Estudos linguísticos*. Campinas, 53/2, jul/dez, 2011, 197-217.

—. Discurso e Cidade: A Linguagem e a Construção da “Evidência do Mundo”. In: RODRIGUES, E. A., SANTOS, G. L. e CASTELLO BRANCO, L. K. A. (orgs.). *Análise de Discurso: Pensando o Impensado Sempre. Uma Homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: RG, 2011b.

TONNELAT, É. Kultur: histoire du mot, évolution du sens. In: FEBVRE, L. et al. *Civilisation: le mot et les idées*. Paris: la Renaissance du livre, 1930, p. 64-75.

TYLOR, E. *Primitive Culture*. London: John Murray. 1871.

WILLIAMS, Raymonds. Keywords: A Vocabulary of Culture and Society. New York:

Oxford University Press, 1985.

## Dicionários

BLUTEAU, R. Vocabulario portuguez e latino. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

ERNAUT, Alfred e MEILLET, Antoine. Dictionnaire etymologique de la langue latine. Histoire des mots. Paris, Klincksieck, 2001 (1ª edição: 1932).

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio do século XXI. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MORAES SILVA, A. Dicionario da língua portuguesa, composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

—. Dicionario da língua portuguesa. 4.ed. Lisboa: Imprensa Régia, 1831.

—. Dicionario da língua portugueza. Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado. [Repr. fac-similada da edição de 1813: Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira]. Rio de Janeiro: Fluminense, 1922.

—. Dicionario da língua portugueza. Nova edição rev. e melhorada. 8.ed. Rio de Janeiro, Lisboa: Emp. Litteraria Fluminense, 1890.

—. Dicionário da língua portuguesa. 10 ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1945-1954.

PINTO, L. M. S. Dicionário da língua brasileira. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.

REY, Alain. Le Robert. Dictionnaire historique de la langue française. Paris: Dictionnaires le Robert, 2000, 3ª edição (1ª edição, 1993).

VIEIRA, D. F. Grande dicionário do portuguez ou Thesouro da língua portugueza. Porto: Ed. Chardron e Bartholomeu H. de . Rio de Janeiro, 1871-1874.

ZAID, Gabriel. El primer concepto de cultura. Disponível em: <https://www.lettraslibres.com/mexico-espana/el-primer-concepto-cultura>. Acesso em 20/08/2018.

**Submissão: agosto de 2022.**

**Aceite: setembro de 2022.**